

## O PODER DO FRACO NA VIDA E OBRA DE KRISHNAMACHARYA

### POWER OF THE WEAK IN KRISHNAMACHARYA'S LIFE AND WORK

Rogério Costa Migliorini  
Universidade Metodista de São Paulo

---

**Resumo:** Apesar de o presente trabalho tratar do yoga, não nos detemos no estudo deste sistema filosófico. Em vez disso, preferimos examinar a biografia de uma personalidade que deu novo alento disciplina e a fez ressurgir no mundo contemporâneo após um período de esquecimento. Porém, além da participação fundamental de alunos fora dos padrões indianos de corpo, gênero e até de nacionalidade no desenvolvimento e divulgação dos ensinamentos dessa personagem, a gradual flexibilização de sua abordagem, bem como a visão que desenvolveu do yoga em anos de estudo, prática e ensino, torna esse material passível de ser analisado sob a luz das idéias do antropólogo Victor Turner sobre o processo ritual e suas fases de estrutura e anti-estrutura. Assim, este artigo trata da análise da vida e obra de Krishnamacharya tendo como seu maior referencial teórico os conceitos desenvolvidos por Turner.

**Palavras-chave:** Krishnamacharya, Estrutura, Anti-estrutura, Communitas.

**Abstract:** Although the present work dealing with yoga, do not stop in the study of this philosophical system. Instead, we prefer to examine the biography of a personality that gave new impetus discipline and prompted a resurgence in the modern world after a period of neglect. This material can be analyzed in light of the ideas of the anthropologist Victor Turner as a ritual process and its phases of structure and anti-structure.

**Keywords:** Krishnamacharya, Structure, Anti-structure, Communitas.

---

Embora, o yoga seja um dos seis sistemas filosóficos, *darçanas* pontos de vista, atualmente encontrados na literatura filosófica indiana, no presente trabalho não nos deteremos propriamente nele. Em vez disso, iniciaremos nosso estudo mencionando uma personalidade que, imprimindo novo fôlego ao yoga, fez com que ele ressurgisse no mundo contemporâneo após um período de grande obscuridade.

Esta abordagem não nos parece absolutamente unilateral, pois como o afirmado por Stella (1971), “não há na Índia diferença ou conflitos entre religião e

filosofia”, ou entre coisas do corpo e do espírito.

### Tirumalai Krishnamacharya

Tirumalai Krishnamacharya (1888-1989) foi pioneiro no aperfeiçoamento das posturas de yoga<sup>1</sup>, na colocação delas em seqüências, e na atribuição de um valor terapêutico a *ásanas* específicos. Combinando *pranayama*<sup>2</sup> e *ásana*, fez das posturas parte integral da meditação em vez de apenas um passo em sua direção, tanto que provavelmente nenhum yogui antes dele desenvolveu tanto as práticas

---

<sup>1</sup> Ásanas

<sup>2</sup> Exercícios respiratórios.

físicas. Essa influência acentuada pode ser vista no fato de que a prática de ásanas ou posturas físicas é a marca do yoga atual em todo o mundo.

Em termos de personalidade, Krishnamacharya algumas vezes é descrito como tendo sido exigente e inconstante e até genioso e egocêntrico. Outras vezes, como gentil e incentivador da individualidade de cada um ou ainda como uma “pessoa terna que freqüentemente colocava suas sandálias de guru em cima da própria cabeça em um ato de humildade” (RUIZ, 2001). A explicação para isso, é que esses traços de personalidade aparentemente opostos correspondem a diferentes fases de sua vida. De forma semelhante essas mesmas características podem ainda ser encontradas nas tradições de yoga por ele inspiradas, cada uma se ajustando melhor a um tipo de personalidade e todas atribuindo variedade à prática do hatha yoga.

Se na época do nascimento de Krishnamacharya o hatha yoga havia caído no ostracismo e apenas um pequeno número de hindus o praticavam, em meados do século XIX e começo do século XX, houve um movimento de reflorescimento na Índia que trouxe novo fôlego à herança daquele país. Krishnamacharya, então, mergulhou nessa causa, aprendendo diversas disciplinas clássicas da Índia, inclusive sânscrito, lógica, rituais, direito e a base da medicina ayurvédica. Um amplo conhecimento que ele iria acabar empregando no yoga.

Nos dados autobiográficos que Krishnamacharya escreveu pouco antes de sua morte, afirma que foi iniciado no yoga aos cinco anos pelo pai, quando esse

começou a ensiná-lo os sutras de Patanjali<sup>3</sup> e lhe disse que a família descendia de Nathamuni, um importante yogui do século XIX. Desse modo Krishnamacharya herdou do pai uma sede de conhecimento em geral e um desejo específico pelo estudo do yoga. Com 16 anos o jovem fez uma peregrinação ao túmulo de Nathamuni, onde encontrou seu antepassado em uma visão mística. Nessa visão, Nathamuni cantou para ele versos do *Yogarahasya* (*A Essência do Yoga* em sânscrito), um texto que estava perdido há mais de 1000 anos. Krishnamacharya decorou-os e mais tarde transcreveu-os, sendo que atualmente o texto encontra-se disponível em tradução inglesa.<sup>4</sup>

Após a sua experiência no santuário de Nathamuni, Krishnamacharya continuou o estudo de várias disciplinas clássicas indianas, vindo a graduar-se em filologia, lógica, divindades e música. Ele praticava yoga a partir de rudimentos que aprendia nos textos e em reuniões ocasionais com um yogui, mas estudava e ansiava por estudar yoga mais profundamente. Ao vê-lo praticando ásanas, um professor da universidade o aconselhou a procurar Sri RamamohamBrahmachari, um dos poucos mestres de hatha yoga ainda existentes na Índia.

Assim fez ele e durante sete anos com Brahmachari decorou o *Yoga Sutra* de Patanjali, aprendeu ásanas e pranayama, e estudou os aspectos terapêuticos do yoga. Após o fim de sua instrução, Brahmachari

---

<sup>3</sup>O texto mais antigo sobre yoga. Não tem uma datação precisa. Entretanto, alguns especialistas, entre eles Mircea Eliade, consideram que sua origem remonta ao século II a.C., ao passo que outros como Woods, Jacobi e A. B. Keith consideram-no originário do século III ou mesmo IV da nossa era.

<sup>4</sup>*Yogarahasya*, traduzido por T. K. V. Desikachar, Krishnamacharya Yoga Mandiram, 1998.

pediu a seu aluno que retornasse à terra natal para ensinar yoga e estabelecer um lar, pois, ao contrário dos antigos yoguis e dele próprio, que renunciou a quase tudo e morava com a família em uma caverna para além do Himalaia, o guru queria que Krishnamacharya aprendesse sobre a vida em família e ensinasse um tipo de yoga que beneficiasse o homem dos tempos modernos.

Como nos anos 20 ensinar yoga não era rentável, Krishnamacharya teve grande dificuldade em sua empreitada e foi forçado a assumir um emprego como capataz em uma fazenda de café. No entanto, nos dias de folga, viajava por toda a região dando palestras e fazendo demonstrações de yoga. Sua sorte só melhorou em 1931 quando ele foi convidado a ensinar no SanskritCollege em Mysore. Entretanto, depois de duas décadas naquela escola perdeu o cargo devido a reclamações de alunos quanto a sua excessiva rigidez. Foi então que o marajá de Mysore ofereceu-lhe a sala de ginástica do próprio palácio a fim de que Krishnamacharya fizesse ali sua escola de yoga. Neste período ele desenvolveu um tipo de yoga conhecido como AshtangaVinyasa Yoga aproximando muitas disciplinas – como yoga, ginástica e luta indiana.

Apesar de Krishnamacharya ter desenvolvido essa modalidade de yoga na década de trinta, ela permaneceu desconhecida no ocidente por quase 40 anos. Recentemente, foi largamente popularizada, principalmente graças a um de seus discípulos mais fiéis e famosos, K. PattabhiJois. Vê-se daí que outros alunos de Krishnamacharya como Indra Devi, B.K.S. Iyengar, T.K.V. Desikachar e Kauthub são personagens inseparáveis da história dessa personalidade tão notável. (RUIZ, 2001)

## Devi e Iyengar

Embora em seus primeiros anos de trabalho Krishnamacharya tivesse uma visão pouco favorável das mulheres e tenha se recusado a ensiná-las, foi Indra Devi, uma mulher e, além de tudo ocidental, fato que desvalorizava ainda mais a mulher aos olhos dos homens indianos, que difundiu os ensinamentos de Krishnamacharya por todo o mundo. Natural da Látvia na antiga URSS, Devi conseguiu ser aluna do mestre graças à intervenção do Marajá. Depois, autorizada pelo mentor, tornou-se professora e criou escolas de yoga na China, na União Soviética, nos EUA e na Argentina.

B.K.S. Iyengar igualmente desempenhou papel fundamental ao trazer o hatha yoga para o ocidente e por seu profundo estudo e desenvolvimento do yoga. Apesar de não ter sido reconhecido imediatamente por Krishnamacharya como um aluno promissor devido a seu corpo franzino e doentio, o renomado yogui desenvolveu um yoga com estilo próprio nos seus anos de maturidade, e na atualidade é difícil saber se esse desenvolvimento, centrado especialmente nas modificações de posturas e no uso do yoga na cura, influenciou o yoga desenvolvido por Krishnamacharya no fim da vida, ou se o mestre plantou as sementes dessa abordagem no discípulo. Seja como for, Iyengar sempre reverenciou seu guru da infância.

Entretanto, diferentemente desses antigos alunos, Krishnamacharya não gozou da crescente popularidade do yoga e continuou a estudar, a ensinar e a desenvolver seu estilo quase em total obscuridade. Em consequência, voltou a enfrentar problemas financeiros. Assim, o professor até então voluntarioso, aos setenta anos teve que reabrir sua escola em outro lugar e por uma questão de

sobrevivência, começou, a aceitar alunos com habilidades físicas menores que a de seus alunos dos tempos de juventude, e até alunos com alguma deficiência física. Nesta fase, preocupava-se em adaptar as posturas à capacidade de cada um, em uma demonstração de que tinha passado a olhá-los com maior compaixão.

### **Estrutura e anti-estrutura**

Esses episódios lembraram-nos das idéias do antropólogo Victor Turner (1974) sobre as entidades liminares e seu poder, e indicam a possibilidade de estudar a trajetória de Krishnamacharya segundo os conceitos estabelecidos por ele.

Turner baseou-se nos três estágios do processo ritual introduzidas por Van Gennep (1978) em seus estudos sobre “ritos de passagem”. Os estágios são: separação, transição e reincorporação. O antropólogo norte-americano opõe estrutura e anti-estrutura e afirma que, sendo a estrutura um modo de ordenar a vida pública, é governada por normas institucionalizadas, enquanto a anti-estrutura apresenta uma ausência dessa institucionalização e organização legal. No primeiro estágio, há um afastamento de indivíduos dessa estrutura, e no último há uma reincorporação desse indivíduo nessa mesma estrutura. Entretanto, a reincorporação não supõe uma volta a um estado anterior. O indivíduo é reincorporado para assumir um cargo mais alto do que aquele que tinha anteriormente, ou para exercer uma função social diferente, possibilitada, agora, pela aquisição de um novo poder. Um exemplo que nos interessa diretamente é o processo de educação pelo qual passou Krishnamacharya quando discípulo de Brahmachari, mormente porque o procedimento configurou-se como um rito de passagem. Durante esse período o discípulo saiu quase literalmente do mundo

para ficar numa espécie de casulo, tendo ido morar com seu mestre e com a família deste em uma caverna. Após um período de obediência total ao guru, emergiu dessa espécie de casulo como mestre. Reintegrado na sua sociedade, passou a exercer os seus novos poderes (ou saberes).

O estágio intermediário de aprendizado em que o discípulo não é mais um “infante”, nem tampouco um mestre, constitui um estágio de anti-estrutura. Van Gennep referiu-se ao período como um limiar, em latim um *limin*, ou seja, um estágio de margem. Turner também se utilizou de uma palavra latina e chamou-o de *communitas*, por ser este um período que abrange o relacionamento entre pessoas em sua totalidade sem que estas estejam sujeitas às normas, regras e papéis definidos socialmente. Neste estágio há como que uma licença para se estar fora da estrutura da sociedade.

Sendo assim, “a *communitas* irrompe nos interstícios da estrutura, na liminaridade; nas bordas da estrutura, na marginalidade; e por baixo da estrutura, na inferioridade” afirma Turner (1974. p. 156). Na inferioridade estrutural, porque as pessoas no estágio de transição ou limiar têm o poder de questionar uma autoridade estruturada. Tais pessoas podem ser consideradas “fracas” e “inferiores” socialmente. Algumas vezes são marginalizadas, outras, apresentam uma “deformação” física ou mental, e ainda podem ser forasteiras. Alguns exemplos são: bufões, bobos da corte, camponeses pobres, prostitutas, empregadas domésticas, viajantes, irmãos caçulas e alfaiates simplórios. E por que não uma mulher ocidental, e um “adolescente doentio de corpo duro”? (RUIZ, 2001)

De qualquer forma, todas essas figuras representam as pessoas comuns e ao trazerem à tona seu poder oculto e

assim enfrentarem (nem sempre ostensivamente) o poder estruturado, despótico e enrijecido, assinalado aqui pela autoridade de Krishnamacharya e nos filmes e na literatura pelo domínio de reis sádicos, feiticeiras cruéis e poderosas, homens ricos e brutais, xerifes e coronéis desapiedados e madrastas desumanas, flexibilizam a autoridade em questão. Isto é: instauram uma nova estrutura em que a voz das pessoas sem poder passa a ser incorporada.

#### Segundo Turner:

Existe, aqui, uma dialética, pois a imediatidade da “*communitas*” abre caminho para a mediação da estrutura, enquanto nos *rites de passageos* homens são libertados da estrutura e entram na “*communitas*” apenas para retornar à estrutura, revitalizados pela experiência da “*communitas*” (TURNER, 1974. p. 157)

Para ele nenhuma sociedade pode funcionar sem esta dialética, pois o exagero na estrutura pode levar a manifestações patológicas da “*communitas*”, e o exagero da “*communitas*” pode ser seguido pelo despotismo, pelo excesso de burocratização, ou por outros modelos de enrijecimento estrutural. Assim sendo, a maximização da “*communitas*” provoca a maximização da estrutura, a qual por sua vez produz esforços revolucionários próprios da “*communitas*”.

#### Considerações finais

Krishnamacharya não foi um déspota, mas como pôde ser visto acima, era bastante autoritário. Suponho que o retorno positivo e inesperado de alunos em que ele mesmo não depositava confiança, o levou a questionar suas próprias certezas,

bem como a situação difícil por ele enfrentada no fim da vida. Portanto, imagino que foi graças a sua disponibilidade de ensinar esses alunos “frágeis” e “insignificantes” que Krishnamacharya resgatou o yoga de um passado marginal, e isso em uma trajetória semelhante à que ele mesmo vivenciou com esses alunos. Ademais, penso que foi por causa dessa mesma disponibilidade que ele redescobriu a própria força, ou a sua capacidade de “conduzir alunos problemáticos de um yoga que se adaptava às suas limitações a um yoga que ampliava suas habilidades” (RUIZ 2001), sendo que nesse percurso também localizou uma das forças do yoga, ou as suas propriedades curativas. Na verdade, vejo que ele se valeu do yoga como um dos meios de reintegrar alunos aparentemente fracos e no limbo em um novo estado estruturado – e fez o mesmo consigo e com o yoga.

#### Referências

A portrait of the first lady of yoga. [http://indrus.in/articles/2010/11/22/first\\_lady\\_of\\_yoga04910.html](http://indrus.in/articles/2010/11/22/first_lady_of_yoga04910.html). (acessado em 10/04/2011)

MICHAËL, Tara. O yoga, Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

RUIZ, Fernando Pagés. Krishnamacharya's Legacy. Yoga Journal, San Francisco: Bill Harper, n. 160, p. 96-101 e 161-168, maio/jun, 2001. Ou <http://www.yogajournal.com/wisdom/465>.

STELLA, Jorge Bertolazo. As Religiões da Índia. São Bernardo do Campo, Imprensa Metodista, 1971.

Tirumalai Krishnamacharya. [http://en.wikipedia.org/wiki/Tirumalai\\_Krishnamacharya](http://en.wikipedia.org/wiki/Tirumalai_Krishnamacharya). (acessado em 10/04/2011)

TURNER, Victor W. O processo ritual. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes, 1978.

### **Sobre o autor**

**Rogério Costa Migliorini:** Mestre em Ciências da Religião pela UMESP (2009) Contato: R. Cecílio Rodrigues, 1525. 13238-650 Campo Limpo Paulista SP. e-mail: [awhi63@gmail.com](mailto:awhi63@gmail.com)